

# **As Tramas da Política Extrapartidária em Cabo Verde:**

**Ensaio Sociológico**

Organizadores:  
José Carlos dos Anjos & Marcelo Quintino Galvão Baptista

Série Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 2

Edições  
**união**

  
**UFRGS**  
EDITORA





**As Tramas da Política  
Extrapartidária em Cabo Verde**  
**Ensaio Sociológico**

Edições  
**uniç**

  
**UFRGS**  
EDITORA



---

Reitor  
**António Correia e Silva**  
Vice-Reitor para a Pós-Graduação,  
Investigação e Publicações  
Científicas  
**Marcelo Galvão Baptista**

---

**EDIÇÕES UNI-CV**

Direcção  
**Gláucia Nogueira**

Conselho Editorial  
**Angelo Barbosa**  
**António Correia e Silva** (pres.)  
**Adriana Carvalho**  
**Cristina Pires Ferreira**  
**Eurides Costa**  
**João Resende Santos**  
**Judite Nascimento**  
**Leopoldo Amado**  
**Marcelo Galvão Baptista**



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor  
**Carlos Alexandre Netto**  
Vice-Reitor e Pró-Reitor  
de Coordenação Académica  
**Rui Vicente Oppermann**

---

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora  
**Sara Viola Rodrigues**

Conselho Editorial  
**Alexandre Santos**  
**Ana Lígia Lia de Paula Ramos**  
**Carlos Alberto Steil**  
**Cornelia Eckert**  
**Maria do Rocio Fontoura Teixeira**  
**Rejane Maria Ribeiro Teixeira**  
**Rosa Nívea Pedroso**  
**Sergio Schneider**  
**Susana Cardoso**  
**Tania Mara Galli Fonseca**  
**Valéria N. Oliveira Monaretto**  
**Sara Viola Rodrigues**, presidente

**Edições Uni-CV**

Praça Dr. António Lereño, s/n  
Caixa Postal 379-C Praia, Santiago  
Cabo Verde  
Tel. (+238) 260 3700; Fax: (+238) 261 26 60  
edicoes@unicv.edu.cv – www.unicv.edu.cv

**Editora da UFRGS**

Rua Ramiro Barcelos, 2500  
900035-003 Porto Alegre, RS  
Brasil  
Fone/fax: (51) 3308-5645  
editora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br

# **As Tramas da Política Extrapartidária em Cabo Verde: Ensaio Sociológico**

**Organizadores**

José Carlos dos Anjos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcelo Quintino Galvão Baptista  
Universidade Federal do Pará

**Série**

Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 2

## FICHA TÉCNICA

---

### Título

As Tramas da Política Extrapartidária em Cabo Verde:  
Ensaios Sociológicos

### Série

Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 2

### Organizadores

José Carlos dos Anjos e Marcelo Quintino Galvão Baptista

### Copyright

© Universidade de Cabo Verde, organizadores e autores dos artigos

### Revisão

Maria Leonete Mota Sales

### Traduções

Alfred Moreno

### Coordenação Editorial

Gláucia Nogueira

### Layout, Paginação e Capa

SERVICENTER, Projecto em Harmonia Digital  
Palmarejo - A, Praia – Santiago, Cabo Verde  
Tel. (+238) 262 84 98, Móvel: (+238) 992 52 57  
Email: jorgedores@yahoo.com.br

### Imagem da capa

*Stória Transadu*, Abraão Vicente

### Tiragem

500 exemplares

### Impressão

Tipografia Santos, Praia, Novembro de 2010

### Patrocínio

Governo de Cabo Verde - Gabinete do Primeiro Ministro

### Ficha Catalográfica

T771 Astramas da política extrapartidária em Cabo Verde: ensaios sociológicos/Organizadores  
José Carlos dos Anjos e Marcelo Quintino Galvão Baptista. – Praia, Santiago, Cabo  
Verde: Edições Uni-CV ; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.  
221 p. ; 17x24cm

(Estudos Sociais Cabo-Verdianos ; v. 2)

Inclui referências.

1. Política. 2. Sociologia. 3. Política – Cabo Verde. 4. Gestão Global (MBA)  
– Mestrado - Perfil dos recrutados – Origens sociais – Trajetórias pessoais – Cabo  
Verde. 5. Corrupção – Alfândegas – Cabo Verde. 6. ONGs – Associações comunitárias  
– Ilha de Santiago, Cabo Verde. 7. Relações sociais – Nativos da ilha de Boa Vista  
– Migrantes de Santiago – Cabo Verde. I. Anjos, José Carlos dos. II. Baptista, Marcelo  
Quintino Galvão. III. Série.

CDU 32(666.2)

---

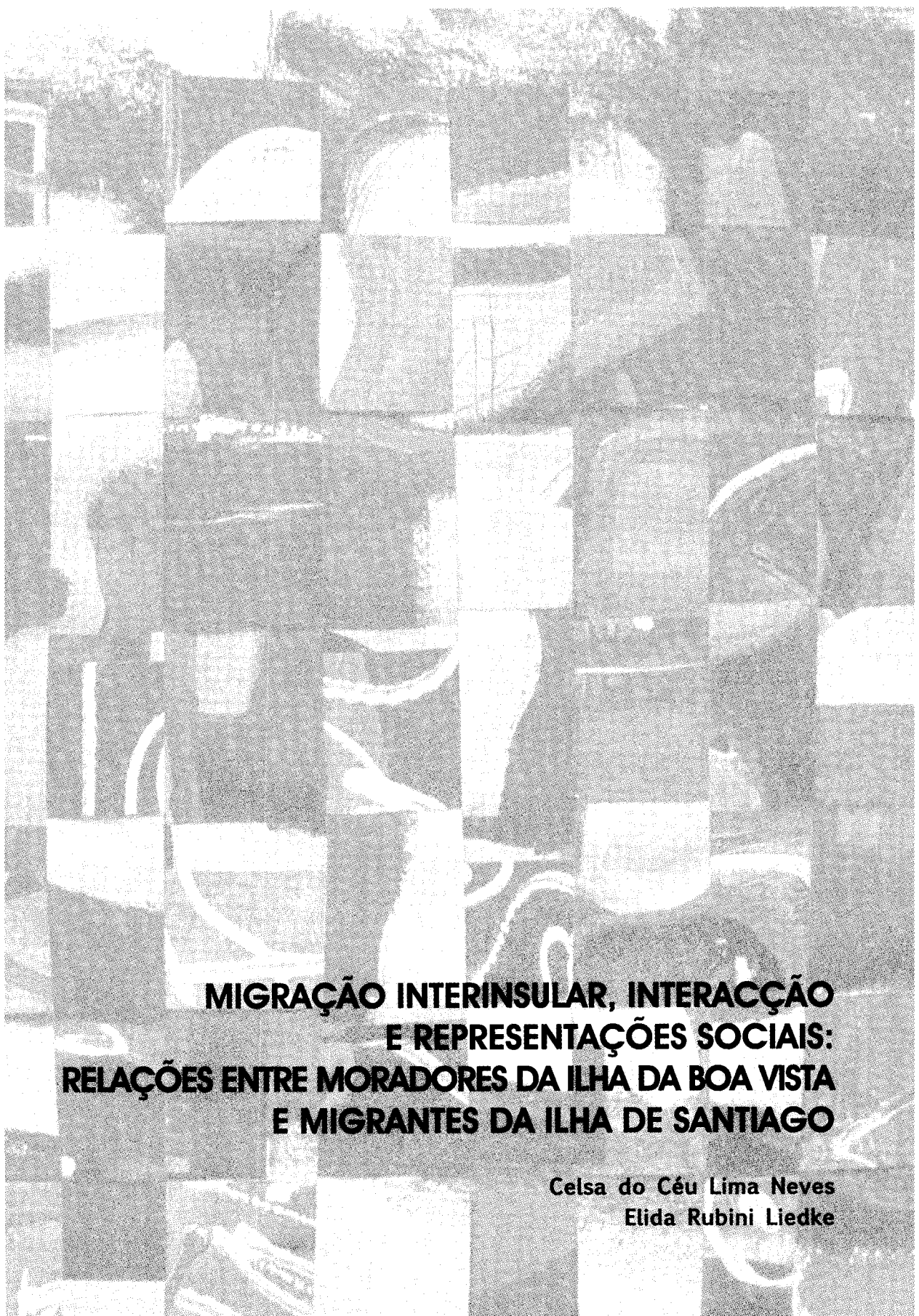
CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-989-96130-5-8 (Edições Uni-CV)

ISBN 978-85-386-0105-0 (Editora da UFRGS)

Ma de 2010  
11/14  
DAMP 06/2010





**MIGRAÇÃO INTERINSULAR, INTERACÇÃO  
E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:  
RELAÇÕES ENTRE MORADORES DA ILHA DA BOA VISTA  
E MIGRANTES DA ILHA DE SANTIAGO**

Celsa do Céu Lima Neves  
Elida Rubini Liedke



O presente estudo<sup>1</sup> partiu de dois objectivos principais: a análise das relações sociais da população nativa da ilha da Boavista (aqueles que nasceram e que têm ascendência na Boavista) com a população migrante de Santiago naquela ilha e a análise da atitude dos migrantes em relação à sociedade local. No que reporta aos boavistenses, o estudo consistiu em caracterizar, compreender e explicar as suas representações e atitudes face aos migrantes santiaguenses, relativamente a sua presença na ilha, a sua inserção social e as suas interacções sociais. No que diz respeito aos migrantes santiaguenses pretendeu-se detectar, compreender e explicar as suas atitudes relativamente à sociedade para onde se dirigiram, nomeadamente no que concerne às suas percepções quanto aos nativos, à discriminação que sofrem e às dificuldades de inclusão social.

Com o intuito de atingir os objectivos estabelecidos, utilizou-se uma abordagem qualitativa, recorrendo às seguintes técnicas de recolha de dados: entrevista semi-estruturada, observação participante nos espaços onde os dois grupos em análise interagem, conversas informais e pesquisa bibliográfica e documental. Foram realizadas 26 entrevistas. Parte delas ocorreu no início de Julho de 2008 e as demais em finais de Agosto do mesmo ano.

Dos 26 interlocutores, 12 são nativos da Boavista e 14 são migrantes santiaguenses. Dentre os 12 boavistenses entrevistados, metade foi do sexo feminino e metade do sexo masculino. Relativamente aos migrantes santiaguenses, foram inquiridos seis homens e oito mulheres. A idade dos interlocutores variou entre 24 e 54 anos. Eles possuem diferentes níveis de escolaridade (desde a 4ª classe até o curso superior) e ocupam diversas categorias profissionais (economista, consultor, condutor, doméstica, empregada

---

1 Pesquisa realizada no âmbito do Mestrado em Ciências Sociais, da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) em convénio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação do Prof. Dr. Enno Dagoberto Liedke Filho, da UFRGS, Brasil. A realização desta pesquisa contou com o financiamento do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África (CODESRIA), através do Programa *Petites Subventions pour La Rédaction des Mémoires et Thèses*. Editoração: Elida Rubini Liedke.

de limpeza, vendedeira ambulante, comerciante, funcionário, professoras do ensino básico e do pré-primário, marceneiro, empregado de escritório, empregada comercial, polícia, peixeira, pedreiro, empregada de bar, vendedor e pescador). Foram utilizados nomes fictícios para referir os interlocutores, de modo a proteger a sua identidade.

Para a análise do objecto empírico recorreu-se principalmente ao interaccionismo simbólico. A observação participante constitui o método por excelência dos estudos interaccionistas, propiciando ao pesquisador “assumir o papel do outro e ver o mundo através do mundo dos pesquisados” (HAGUETE, 2007, p. 59). Procedeu-se também à observação directa da população-alvo em diferentes espaços públicos onde os dois grupos em análise se encontravam, nomeadamente, nas praias, no mercado de peixe, nas praças e parque infantil, nas discotecas, entre outros. Tal como as entrevistas, a observação foi realizada em duas etapas, sendo que a primeira decorreu no princípio de Julho de 2008 e a segunda no início de Agosto e finais de Setembro do mesmo ano. Observou-se o dia-a-dia dos moradores nos locais supracitados.

A abordagem teórica baseou-se, principalmente, nas obras de Erving Goffman, dentre as quais destacam-se *A Representação do Eu na Vida Quotidiana* (1983) e *Estigma* (1988), assim como no estudo de Norbert Elias, *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), ressaltando-se os conceitos de configurações e o par conceitual *estabelecidos/outsiders*. O conceito de representações sociais contou também com as contribuições de Moscovici (2003) e de Jodelet (1990). O conceito de identidade de Manuel Castells (2008), assim como o de identidade negativa, proposto por Robert Castel (2008), foram adoptados em momentos de síntese do debate desenvolvido ao longo deste artigo.

O interaccionismo simbólico, como se depreende da própria expressão utilizada para referir essa abordagem

teórica, privilegia a interacção entre os indivíduos, a intersubjectividade, os significados das relações sociais entre *ego* e *alter* em detrimento da objectividade da estrutura social (HAGUETE, 2007). Situa-se em uma perspectiva fenomenológica e concebe a ordem social como efeito provisório das interacções individuais ou grupais com seus diversos códigos de significados, constantemente em processo de construção, fornecendo normas e regras para as acções dos indivíduos, para a negociação de significados, hierarquias e sanções.

O estudo das representações sociais propicia uma análise aprofundada do que se considera o senso comum e, por conseguinte, a diversidade de percepções, de suas lógicas e incoerências. A sociologia pode utilizar essa expressão conceitual como um importante instrumento de análise da realidade social, uma vez que busca apreender as concepções que os grupos constroem a respeito do mundo. O pensamento sobre o mundo social é fortemente tributário das trocas na interacção, dinamizando permanentemente a construção da realidade social. As visões e avaliações das “coisas do mundo”, as formas a que recorremos para interpretar as mais diversas situações surgem e estruturam-se como resultado das trocas, no confronto que os indivíduos realizam entre as suas crenças e opiniões, isto é, em um processo marcadamente relacional. Na era de incertezas em que vivemos, a expressão representações sociais pode actuar de forma importante na compreensão de questões contemporâneas.

Relativamente ao conceito de estigma, de acordo com Goffman (1988, p. 11), significa marca ou impressão e emprega-se como um indicativo de uma degenerescência: os estigmas do mal, da loucura, da doença. Segundo o autor, na Antiguidade Clássica, através do estigma procurava-se tornar visível qualquer coisa de extraordinário ou algo mau sobre o *status* de quem o apresentasse. O estigma

“avisava” a existência de um escravo, de um criminoso, de uma pessoa cujo contacto deveria ser evitado.

O estigma não somente apresenta um aspecto objectivo, como as características de uma raça ou de um determinado sexo ou ainda de actos e comportamentos religiosos ou de visível pobreza, como também consiste em desvalorização do outro; por exemplo, se a pessoa é pobre, se é deficiente física, não pode trabalhar tão bem quanto uma pessoa dita normal e assim por diante. O estigma gera descrédito, desvantagem, e a ideia de que o estigmatizado não é completamente humano.

O estigma é um factor presente na vida da população migrante sobretudo dos que habitam em bairros degradados. Na ilha da Boavista os migrantes interinsulares e os da costa ocidental africana sofrem a estigmatização por habitarem em espaços degradados, além de outras marcas de desvalorização social de que são portadores, segundo a visão corrente na sociedade local.

Quanto ao conceito de configuração e ao par conceptual estabelecidos/ *outsiders*, proposto por Norbert Elias (2000), esses têm por base um estudo realizado pelo autor numa pequena comunidade que mantinha no seu interior uma evidente divisão, embora apresentasse uma relativa homogeneidade segundo indicadores sociológicos correntes (renda, educação, ocupação, religião). Havia dois grupos: os estabelecidos, moradores do local desde longa data, e os *outsiders*, um grupo novo de residentes. Sendo assim, nessa comunidade, Elias observou a polarização que ocorria entre estabelecidos e *outsiders*: o grupo estabelecido atribuía a si próprio características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contacto social não-profissional. O controle social era mantido por meio de uma série de comentários do tipo elogioso e também depreciativo. A peça central dessa configuração era um equilíbrio instável de poder. Esse diferencial de poder

se expressava através do tempo de residência dos moradores da comunidade.

Já Manuel Castells (2008) considera a identidade como um processo de construção de significado baseado em um atributo ou conjunto de atributos culturais interrelacionados. O autor defende que para um determinado indivíduo, ou ainda um actor colectivo, pode haver identidades múltiplas geradoras de contradições e tensões, tanto na auto-representação como na acção social. Castells define três formas e origens de construção de identidades: a primeira é a identidade legitimadora, a segunda é a identidade de projecto e a terceira, utilizada na análise, corresponde à identidade de resistência. À medida que avança, a análise incorpora o conceito de discriminação negativa, conforme utilizado por Robert Castel (2008). Seu significado é expresso ao longo do presente artigo.

## **As ilhas da Boavista e de Santiago: diversidades societárias no período colonial**

Nas ilhas da Boavista e de Santiago produziram-se relações sociais e variantes culturais diversas, por razões relacionadas com os modos distintos de exploração económica nelas impostos durante o período colonial (LIMA, 1997, p. 209). As ilhas de Santiago e da Boavista tiveram formas de povoamento e de exploração diversas, originando modos de vida social diferenciados.

Lima (1997, p. 209) apontou uma série de factores que determinam a diferenciação entre as duas ilhas. O autor menciona a configuração do relevo, radicalmente diverso: Santiago, predominantemente montanhosa e com vales profundos; Boavista, extremamente plana, com campos que se perdem no horizonte. As condições geográfico-natu-

rais e o tipo próprio de recursos naturais da ilha das dunas, com grandes campos de pastagens, separados das hortas (terras agrícolas), além das salinas naturais, da urzela, da pesca abundante, entre outros, aliados ao excelente porto de Sal-Rei contribuíram, no seu conjunto, para a constituição de formas de organização da produção distintas das que tiveram lugar em Santiago: enquanto nesta predominaram os regimes de morgadio e de latifúndio, na ilha da Boavista as relações de produção assentaram-se, basicamente, na criação de gado, na apanha do algodão e da urzela, na exploração do sal e no comércio desses produtos.

Há que ter em conta, também, que a geomorfologia da ilha de Santiago e os sistemas de morgadio e de latifúndio nela implantados viriam a estabelecer relações entre colonos e escravos mais rígidas. Em contraste, na Boavista, as relações entre os dois grupos ocorreram de modo menos demarcante, no que se refere ao rigor das regras e castigos escravistas. Devido, em parte, à geomorfologia desta última, que dificultava a fuga, uma vida menos cativa aos escravos era permitida; por isso, os colonos deixavam-nos viver de um modo mais livre. No entanto, essa é uma ideia que vem sendo muito questionada no Brasil: se é possível dizer que os escravos eram menos maltratados em alguns lugares em relação a outros. A historiografia vem revendo o lugar de enunciação que reclama essa constatação: trata-se de uma vontade apressada de esconder as contradições que rasgam e expõem fissuras raciais actuais.

Um outro aspecto de distinção poderá ser identificado no retrato da pastorícia e das moradas constituídas em cada uma das duas ilhas. Na Boavista o gado foi lançado ao acaso e pastoreado livremente pelos escravos, enquanto em Santiago foi criado nas fazendas. Por seu turno, em Santiago instituiu-se a casa-grande, ou o pequeno mundo do morgado, e a casa-de-morada, contrariamente à Boavista, onde das casotas, currais e herdades do gado saltou-se



para os aglomerados com casas, sobrados, moradias e armazéns comerciais. Cada uma dessas formas de moradia propiciou um tipo específico de relações entre os colonos e os seus escravos, quer ainda entre os próprios escravos.

Factor relevante é o da organização económica do escravo face ao colono. Na ilha de Santiago a vida económica e social do escravo se realizava no interior da fazenda do morgado, enquanto na Boavista, o escravo podia se organizar económica e socialmente de forma mais livre, pelos campos, quintas, salinas, entre outros sítios. Esses espaços económicos propiciaram o surgimento, entre os escravos da Boavista, das profissões de pastores, colectores de algodão, caçadores de gado, domésticos, salineiros, urzeleiros e outras, cuja incidência nos espaços de Santiago nem sempre ocorreu. Deste modo, das formas de apropriação da terra pelo colonizador, o escravo boavistense pôde se beneficiar até certo ponto, o que lhes proporcionou, paulatinamente, algumas facilidades, dadas as condições geomorfológicas, melhores possibilidades de uma vida económica mais independente, solidária e folgazã (LIMA, 1997, p. 213).

Um quinto factor diz respeito à chegada de estrangeiros (ingleses) que, com a exploração do sal, estabeleceram com os escravos da Boavista um vínculo menos rígido e mais aberto do que o vínculo entre o colono e o escravo dos morgadios de Santiago. Por conseguinte, na ilha da Boavista, as relações entre os nativos, constituídos maioritariamente por negros, e os estrangeiros eram consideradas boas. A esse respeito, relacionando a ilha da Boavista com as outras ilhas de Barlavento, Carreira (1983, p. 44) cita de um anónimo o seguinte: “Nesta ilha há gente mais civilizada do que nas outras de Barlavento, pela comunicação que tem com as gentes que a ela vão em navios comprar cabras e bestas”.

Importa considerar também as características de um povo agricultor (a agricultura era predominante em San-

tiago), o qual desenvolve ritmos de estações do ano e de trabalho diferentes daqueles próprios de povos vinculados a diversas actividades, como a pastorícia, o apanho do sal e da urzela, actividades essas predominantes na ilha da Boavista. Esses ritmos e tempos diferentes propiciam relações sociais diversificadas, distintas formas de sociabilidade: um pescador terá, certamente, uma visão de tempo no mundo diferente daquela de um agricultor (LIMA, 1997, p. 214).

A emigração<sup>2</sup>, que iniciou por volta do século XVIII e teve um grande crescimento a partir da segunda metade do século XX, pode ser tomada como um sétimo factor a contribuir para a diferenciação entre os habitantes das duas ilhas. Na ilha de Santiago, os emigrantes que retornavam adquiriam bens duráveis (propriedades, meios de transporte terrestre) e, em período mais recente, passaram a investir em restaurantes e em outros sectores económicos. Na ilha da Boavista, para além da ajuda aos familiares e amigos, os emigrantes também compravam bens duráveis, dentre os quais a moradia própria, meios de transporte pessoal como, por exemplo, cavalos de luxo e, no período contemporâneo, motos, portanto, em recursos de pouco interesse económico. Por conseguinte, com a emigração foi emergindo e se consolidando em Santiago uma nova classe média, acentuando mais ainda a estratificação social. Contrariamente, na Boavista, tal não aconteceu; houve um nivelamento na estratificação social, devido à ajuda que os emigrantes propiciavam aos familiares e amigos, denotando um maior grau de solidariedade entre os grupos primários naquela ilha (LIMA, 1997, p. 14), em contraste com o crescente individualismo em Santiago.

---

2 Devido à escassez de recursos naturais e à pobreza económica do arquipélago cabo-verdiano (solos pobres, seca, etc.) desde cedo a emigração se converteu na única saída para o povo destas ilhas. O fenómeno migratório cabo-verdiano envolve um número significativo de núcleos espalhados por três continentes: África, Europa e América.

Ainda no período colonial, os aparelhos ideológicos e repressivos fizeram-se sentir em níveis diferentes nas duas ilhas. Na óptica de Lima (1997, p. 215), os motivos de resistência por parte dos escravos da Boavista eram menos fortes do que os dos escravos da ilha de Santiago. Os aparelhos repressivos, como o próprio governo, através da sua máquina administrativa, o exército, a polícia, a milícia, os tribunais e as prisões, por suas acções de repressão, teriam deixado marcas mais profundas entre os santiaguenses do que entre os boavistenses.

Uma explicação, segundo o autor anteriormente referido, diz respeito ao facto de os boavistenses viverem distantes do poder central o que, à época, adquiria um sentido a mais do que o geográfico, um sentido de distanciamento político. As frequentes revoltas de escravos em Santiago, em contraste com um grau menor de mobilizações de resistência na ilha da Boavista podem ser tomadas como indicadores dessas importantes diferenças. Desse modo, Lima (1997) conclui que a diversidade dos sistemas político-administrativos implantados na Boavista e em Santiago terá contribuído para a produção de relações sociais diversificadas entre elas.

Importa ter em conta a ordem do povoamento das duas ilhas, factor esse que de certo modo se alia aos princípios que serviram de base à política administrativa colonial. A ilha da Boavista foi povoada mais de 150 anos após o povoamento de Santiago, que se iniciou em 1462. Nesta, o povoamento já se encontrava numa fase avançada de estruturação social. As ilhas receberam levadas de escravos em épocas diferentes, portanto, já com níveis de aculturação também diferentes, o que condicionaria comportamentos económicos, culturais e sociais diversificados, de ilha para ilha.

Ademais, à diferenciação social em apreço estão ligadas as crises e fomes que marcaram de formas diversas

as duas ilhas, tendo atingido mais indelével e profundamente a de Santiago, em boa parte por sua constituição em morgadios. É sabido que uma economia de base essencialmente agrícola não resiste quando ocorre escassez de chuvas. Na sequência, a fome se generaliza. Por seu lado, na Boavista, as fomes e as crises não deixaram marcas muito profundas, devido sobretudo à exploração do sal pelos ingleses, ao conseqüente contacto com os marinheiros e comerciantes estrangeiros e ainda graças à *potona*<sup>3</sup> e ao *péxe q'lete*<sup>4</sup>.

## **Migrantes boavistenses versus santiaguenses**

Com respeito aos objectivos apresentados no início deste artigo, salienta-se que a interacção social da população nativa da ilha da Boavista com os migrantes da ilha de Santiago tende a ser positiva ou negativa, conforme o espaço de convivência, o tipo de situação e o tempo de residência dos migrantes na ilha das dunas. O modo como os autóctones desta encaram a presença dos migrantes de Santiago é de forte ambigüidade. Alguns boavistenses entrevistados consideram que os santiaguenses estão a contribuir e muito para o desenvolvimento da ilha, com o seu trabalho. Admitem que os santiaguenses ensinaram aos boavistenses algumas qualidades que estes não possuíam anteriormente à chegada dos primeiros migrantes de Santiago como, por exemplo, o espírito de sacrifício, de sobrevivência, de luta e de iniciativa. Encaram esse processo de forma positiva.

No entanto, outros interlocutores alegam que os autóctones de Santiago trouxeram consigo muitos problemas sociais,

---

3 Raiz de uma erva que predominava na ilha, principalmente após as chuvas.

4 Peixe com leite.

dentre os quais a criminalidade, a insegurança, a violência, os assaltos. Desde essa visão, a presença dos migrantes provenientes dessa ilha é encarada de forma negativa.

É de referir que, nesses aspectos, existem também divergências no que diz respeito ao ponto de vista dos migrantes santiaguenses. Há indivíduos que admitem a existência de discriminação e preconceito, mas ao mesmo tempo afirmam que nunca passaram por tais situações.

*... não tenho mal a dizer, mas há pessoas que dizem que há discriminação, mas eu nunca passei por essa situação, porque eu sempre cultivo a minha boa educação caseira. (Sabino, 38 anos, polícia, migrante).*

*... dizem que as pessoas de cá são racistas, mas eu me relaciono bem com as pessoas de cá, dou-me bem com os sampadjudos de cá. (João, 27 anos, comerciante, migrante).*

*... muita gente queixa-se que as pessoas da Boavista tratam mal as pessoas da Praia, que desprezam-nas, mas eu não tenho mal a dizer, neste aspecto não tenho nada a dizer, porque desde que estou cá, vai fazer cinco anos, todas as pessoas da Boavista são minhas amigas. (Simão, 41 anos, marceneiro, migrante).*

*Não sei se é racismo ou porque é a ilha deles. Não sei explicar. Mas acho que eles já mudaram muito, antigamente nem sequer nos davam um bom dia, eu observava isto. Costumava cumprimentar muita gente e eles não respondiam, chateava-me muito. Depois deixei de os cumprimentar. (Francisco, 32 anos, pescador, migrante).*

Outros consideram que os autóctones da Boavista são boas pessoas, são simpáticas, acolhedoras, educadas e que os seus patrícios são os que se comportam mal, por isso é que acham que são discriminados.

*... as pessoas daqui não são racistas. Depende da maneira como te comportares, eles [os badius] arranjam brigas, portam-se mal e depois dizem que as pessoas são racistas. Eu não tenho mal a dizer de ninguém da Boavista. (Cesaltina, 36 anos, comerciante, migrante).*

*... vivo cá há doze anos e não posso falar mal das pessoas da Boavista, porque a todos a quem eu chamei me socorreram. (Filó, 39 anos, comerciante, migrante).*

Essa entrevistada diz ainda:

*... dou-me bem com as pessoas daqui tranquilamente, com amor e carinho, todas as pessoas quando me vêem chamam, todas as pessoas já sabem o meu nome. (Filó, 39 anos, comerciante, migrante).*

Com sentido similar são apresentados a seguir diversos depoimentos de migrantes santiaguenses.

*Gosto muito de viver cá na Boavista, aqui é um lugar calmo, tranquilo, são boas pessoas, tratam-me com amizade, aonde for sou bem tratado. (Simão, 41 anos, marceneiro, migrante).*

*Dou-me bem com as pessoas da Boavista direitinho, muito bem, em Setembro vai fazer onze anos que estou cá, mas a gente se dá muito bem. (Maria Clara, 31 anos, doméstica, migrante).*

*Não tenho mal a dizer de ninguém da Boavista. Vivo cá há cerca de três anos, mas até hoje não tenho mal a dizer de ninguém de cá. (João, 27 anos, vendedor, migrante).*

*Eu tenho boas relações com as pessoas de cá, portanto, nunca disseram mal de mim e nem eu deles, sempre tenho bons relacionamentos. (Simão, 38 anos, polícia, migrante).*

Alguns, porém, consideram que os nativos da Boavista são racistas e que eles, os santiaguenses, enfrentam várias dificuldades de inclusão social, sobretudo ao nível habitacional. Os migrantes que consideram que os boavistenses são muito racistas alegam que por esse motivo enfrentam enormes dificuldades na ilha, principalmente quanto às suas condições de habitação. Dizem que permanecem na Boavista por questões laborais, em



que pese o relativo isolamento que a discriminação social lhes impinge.

*Gosto de cá só por causa do trabalho, mas por causa de outras coisas não, porque as pessoas daqui são todas racistas. (Nila, 24 anos, empregada de bar, migrante).*

*... há muito racismo, porque se notam diferenças claras, mas eu não ligo. Vivo a minha vida, não me interessa se as pessoas não gostam de mim, da maneira como vivo na Praia, vivo na Boavista. (Rosa, 50 anos, comerciante, migrante).*

A interlocutora acrescenta:

*... eles desprezam, sim. Costuma-se dizer que as pessoas da Boavista são amigas dos badius, mas realmente não são. (Rosa, 50 anos, comerciante, migrante).*

*Não gosto de viver cá, estou aqui só por causa do trabalho que há cá na Boavista. As pessoas daqui não nos tratam bem, elas não nos ligam, não gostam de nós. (António, 41 anos, pedreiro, migrante).*

*Cá há muitos sampadjudos que são racistas, que não gostam dos mandjacos e que não gostam dos badius também. (João, 24 anos, vendedor, migrante).*

A partir da pesquisa realizada, se pode concluir que o desenvolvimento da ilha da Boavista (considerado a partir da década de 90) ocorreu devido principalmente ao investimento turístico, o qual acarretou a emergência de perturbações e mesmo atritos entre a população nativa da ilha e os “externos”, seja individual ou colectivamente. Os nativos que viviam segundo os seus hábitos, os seus costumes, as suas crenças, as suas tradições de uma forma um tanto isolada, viram-se ameaçados em relação ao que tinham como valores básicos de sua auto-identidade, perante a chegada de uma grande quantidade de pessoas que até certo ponto

expressavam ideias, maneiras e crenças diferentes das que eram costumeiras e valorizadas em seu círculo.

Dentre os ditos “externos”, os migrantes em busca de novas oportunidades de vida e trabalho, são majoritários os advindos da ilha de Santiago. No que concerne à origem social desses últimos, a maior parcela é originária das camadas sociais mais baixas da sociedade cabo-verdiana, possuindo baixos níveis de escolaridade, baixa qualificação para o trabalho e vivendo, tanto na ilha de origem como na Boavista, em precárias condições habitacionais. Os migrantes santiaguenses, principalmente os que habitam a zona das barracas, muitas vezes são associados pelos boavistenses à violência, à insegurança, ao furto, aos assaltos às moradias e a outros crimes, como assaltos à mão armada. Em suma, esse fluxo de recém-chegados, denominados pelos boavistenses de *badius*, é percebido como uma ameaça aos estilos de vida dos boavistenses e até mesmo como uma ameaça à ordem estabelecida. Sendo assim, algumas pessoas da Boavista afirmam ter “má impressão” dos *badius*, dizem que “antes a ilha era diferente (...) era uma ilha calma, segura (...) agora já não se pode andar tranquilo na rua”. Essa maneira de ver as coisas por parte de alguns autóctones dificulta a sua interacção com os migrantes.

Alguns nativos nem sequer admitem uma certa flexibilização das barreiras que constroem contra os santiaguenses, impedindo que se desenvolvam relações sociais duradouras entre indivíduos vinculados a cada uma das categorias socialmente classificadas e opostas, a dos *sampadjudos* e a dos *badius*. Por isso, pode-se afirmar que boa parte dos nativos da ilha da Boavista tendem a estigmatizar e, no limite, excluir socialmente os migrantes santiaguenses residentes naquela ilha.

Assim mesmo, os migrantes santiaguenses e os nativos da Boavista estabelecem relações no seu dia-a-dia. Mas

essas relações são, por vezes, baseadas em disputas, tensões e conflitos. Os indivíduos que fazem parte de cada um dos grupos estão ao mesmo tempo separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Devido à desigualdade, a interacção entre os indivíduos destes grupos se baseia muito raramente em relações positivas: são apenas algumas as excepções. Entre essas excepções destaca-se o facto de que há casos de relações amorosas entre os elementos pertencentes aos dois grupos que muitas vezes dá lugar à constituição de famílias. Outra excepção prende-se ao facto de existirem alguns santiaguenses que vivem na Boavista há muitos anos (entre 10 a 15 anos, mais ou menos), recebendo um tratamento dos nativos diferente do tratamento que os outros *badius*, que residem mais recentemente na ilha, recebem.

## **A migração dos santiaguenses à vista dos boavistenses: diferenças comportamentais**

Alguns interlocutores boavistenses consideram que embora sejam todos cabo-verdianos, existem diferenças enormes quanto a atitudes, comportamentos e hábitos. Admitem que em determinadas situações os *badius* agem de forma que muitas vezes não converge com a sua maneira de agir.

*... acho que, de facto eles têm uma tradição diferente da nossa, embora sejamos todos cabo-verdianos, mas cada ilha tem a sua especificidade no domínio da cultura, no domínio da tradição e no domínio comportamental. (Ruben, 50 anos, consultor, nativo).*

*... não, nós e eles não somos iguais não, temos muitas diferenças, somos todos cabo-verdianos, mas nós somos diferentes, há diferenças profundas. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... a diferença é ao nível da cultura, tem alguns hábitos, tem algumas situações tradicionais mesmo do pessoal de Santiago que muitas vezes não convergem com a nossa. (Ruben, 50 anos, consultor, nativo).*

Ao contrário, no depoimento a seguir é detectada uma visão mais flexível, de aceitação dos migrantes.

*Eu considero que são pessoas humanas como nós. Badius, sampadjudos, nós somos todos filhos de Cabo Verde, nós somos todos cabo-verdianos, não há diferenças, só que cada um tem a sua maneira de ser. (Joana, 54 anos, professora do pré-primário, nativa)*

A título de exemplo, os boavistenses advogam que em casos de tensões e conflitos, para eles é impensável fazer o uso de armas. As brigas se resolvem com as próprias mãos. Segundo dizem os nativos, resolvem as desavenças de forma diferente dos santiaguenses.

*... as pessoas da Boavista brigam é com socos, eles [badius] não são como o pessoal de Barlavento, que briga com as mãos, um dá um soco, o outro dá outro soco e pronto, tudo fica resolvido. Imagina, a faca pode ser mortal para uma pessoa e isso tem vindo a acontecer. Nós estamos acostumados a discutir, a bater com as mãos, a dizer palavrões e pronto, fica tudo normal. Nós não estamos habituados a utilizar facas. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurant, nativa).*

Prosseguindo, Lina afirma:

*... por exemplo, posso dizer palavrões a um sampadjudo, mas se for a um badiu ele apontará logo uma arma para mim. Eles limpam a honra é com sangue, mas nós, não. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurant, nativa).*

*... usam a faca por qualquer coisa. É o que se ouve que acontece lá para a Barraca, é água quente, é azeite quente, nós não estamos habituados com essas coisas. Antigamente, quando havia desentendimentos, as pessoas brigavam com as mãos e não com armas. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

Com o intuito de reforçar as divergências comportamentais, os nativos afirmam que os santiaguenses deitam o lixo em qualquer lugar e que urinam em qualquer lado.

*... aqui o problema que se coloca é a integração deles, é claro que trouxeram costumes que nós não estávamos habituados e costumes que talvez choquem com os nossos, que briguem mesmo, porque há coisas que, sinceramente, tenho 53 anos e não estava habituado a ver. Nomeadamente o lixo, há pessoas que urinam na rua e há alguns dias, na rua do Rego, houve uma confusão porque um indivíduo de Santiago urinou à frente de muita gente idosa, que lhe chamou atenção e esse não ficou contente e até ameaçou o Ti Jon (morador daquela rua) de morte. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... sem dúvida muita coisa mudou para pior, em termos de higiene, saúde pública (...) trouxeram muita coisa má. (Lucas, 47 anos, funcionário público, nativo).*

Importante diferença comportamental prende-se ao facto de os nativos considerarem que os santiaguenses são pessoas mais reactivas, dizem até que esses têm o “sangue mais quente” do que eles. É o que se percebe nas afirmações a seguir:

*Acho que são pessoas que estão prontas para arranjar chatices, claro que tem um ou outro que é diferente, por exemplo, esses meus vizinhos são pessoas pacatas, mas normalmente são pessoas fervidas, estão prontas para arranjar chatices a qualquer momento, por qualquer coisinha chateiam-se, dizem palavrões, nós não estamos habituados, nós estamos a sofrer um choque muito grande. (Eliseu, 43 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... até hoje não tive problemas com nenhum deles, porque sei como é a maneira deles, portanto, tento evitar. Tento me comportar bem com eles, falar bem com eles, porque sei que normalmente os badius e os sampadjudos não têm a mesma mentalidade. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurant, nativa).*

*... eu não tenho problemas com badius, mas já vi pessoas a terem problemas com eles, não sei qual é o motivo, se é falta de entendimento às vezes, porque realmente o badiu tem sangue quente, compreendes? O badiu reflecte menos e isso é verdade. Eu já falei com eles e a maioria reconhece isso. (Benamin, 43 anos, funcionário público, nativo).*

Essa diferença de atitudes é observada mesmo entre as crianças, pois, de acordo com relatos de algumas pessoas, nas escolas as crianças nativas não se misturam com as crianças santiaguenses, visto que as primeiras admitem que essas são brutas e que estão sempre a lhes provocar.

*Eles são brutos. Realmente, os meninos de cá tentam aproximar-se deles, mas depois acabam por se afastar. Não é nada impossível uma criança nativa pisar uma criança santiaguense e esta agredir com uma bofetada antes que a outra lhe peça desculpas, por isso é que se afastam, porque elas são muito agressivas. (Raquel, 48 anos, professora do ensino primário, nativa)*

A entrevistada prossegue:

*... no início do ano eles se misturam, mas depois acabam por se separar, porque são muito agressivos devido à educação que recebem em casa, os conflitos que presenciam em casa, porque os badius se exaltam por pequenas coisas. Às vezes assistem às guerras entre o pai e a mãe, às vezes entre os vizinhos, por isso associam-se no início, mas depois afastam-se, porque por qualquer coisinha partem logo para a agressão. (Raquel, 48 anos, professora do ensino primário, nativa)*

De acordo com esse depoimento, chega-se à conclusão de que na escola, um dos principais agentes de socialização da criança, pouco se tem realizado no sentido de contribuir para a minimização ou quem sabe para a eliminação das barreiras que separam os dois grupos em análise. De modo a enfrentar essa questão, considera-se que urge desenvolver políticas públicas esclarecedoras, particularmente no âmbito escolar, de modo a aproximar



essas crianças e mostrar a elas que são todas iguais, que por serem provenientes de distintas ilhas não é admissível que se considerem superiores umas às outras, as quais terminam, por sua imaturidade, por aceitar que são mesmo inferiores ou, já na adolescência, a adotar atitudes de revide. Importa alterar, pelo menos em parte, os conteúdos programáticos das escolas, incluindo práticas de ensino-aprendizagem que envolvam o respeito mútuo, componente essencial para a formação de adultos cidadãos.

É ilustrativo o exemplo dessa professora do pré-primário, que relata o seguinte:

*... não, eu no meu jardim não admito essa separação entre as crianças. Todas as crianças para mim são iguais e faço-lhes entender que elas são todas iguais, relacionam-se normal. Só que de vez em quando aparece um que diz que aquele badiu aí, mas logo o corrijo. Digo aquele badiu não, ele é igual a nós, igual a ti. (Joana, 54 anos, professora do pré-primário, nativa).*

Os nativos da ilha das dunas são da opinião de que com a entrada de estranhos à ilha, sobretudo dos migrantes provenientes da ilha de Santiago, ocorreram muitas alterações no seu modo de vida. Alegam que os migrantes santiaguenses têm contribuído e muito para o desenvolvimento da Boavista, mas por outro lado eles trouxeram consigo muitos males sociais, entre os quais, a insegurança, a criminalidade e os roubos.

*... aumentou, sem dúvida, houve um aumento de 200%. (Lucas, 47 anos, funcionário público, nativo).*

*... ocorreram mudanças drásticas, uma alteração de 180° graus, aquelas características que tínhamos já não temos mais, sossego, paz, tranquilidade, segurança, já não temos mais, por quê? Pessoas que vieram de fora, não só badius, mas o pessoal de África, senegaleses, guineenses, etc. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

*Isto é evidente, é claramente uma situação inequívoca, nós temos tido agora problemas com a sociedade, problemas de brigas, de mudanças de comportamento, problemas de crimes. Crimes nos seus diferentes domínios, mas também problemas outros da sociedade, que foram trazidos para cá precisamente pela estadia ou pela vinda, pela chegada dessas pessoas. É verdade que quase não tinha criminalidade aqui na Boavista, há uns 10 anos atrás. Mas de 10 anos para frente nós temos assistido amiúde a esses acontecimentos, infelizmente para a nossa sociedade, infelizmente aqui para a ilha, infelizmente para Cabo Verde. Mas é uma situação que enfim a priori teremos dificuldade em aceitá-las, porque nós não estávamos habituados a isso, mas agora temos que ver é a forma de colmatá-las mediante um bom relacionamento e a compreensão dessas pessoas e fazer acabar com esses actos e essas formas de estarem na sociedade. (Ruben, 50 anos, consultor, nativo).*

*No início, quando vieram para a Boavista, tudo estava a correr bem, mas agora, de há uns tempos para cá, veio muito mais gente e agora as coisas têm mudado. (Joana, 54 anos, professora do pré-primário, nativa)*

*... a criminalidade e a insegurança aumentaram consideravelmente, esqueci-me de te dizer que uma vez um badiu assaltou o meu estabelecimento. Veio cá, abriu a porta, forçou as grades, partiu os vidros, fez mais ou menos um prejuízo de 400 e tal contos. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurante, nativa).*

De acordo com o ponto de vista dos nativos, muitos dos seus hábitos foram alterados, como por exemplo, o facto de saírem de casa e deixarem as portas todas trancadas, acto que antes era impensável. Caso contrário, correm o risco de, quando regressarem à casa, encontrá-la assaltada. Outra mudança relaciona-se com o facto de as pessoas, principalmente as mulheres, terem medo de sair à rua sozinhas.

*... as pessoas agora têm medo de deixar as suas casas. Se saíres tens que voltar de vez em quando para dar uma olhadela, porque se passares mui-*

*to tempo fora de casa, corres o risco de ter a tua casa assaltada. (Raquel, 48 anos, professora do ensino primário, nativa).*

*... houve, sim, alterações, a primeira coisa é que hoje em dia não podemos andar sozinhos na rua, segundo, agora tens que fechar a porta a cadeado, coisa que eu não podia sequer imaginar e até quando dormes ficas desconfiada. (Soraya, 26 anos, empregada comercial, nativa).*

*... aqui na vila agora há essa questão, as pessoas quando saem já não deixam a porta aberta. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... sou do tempo em que as pessoas deixavam as chaves na porta ou mesmo a porta traseira atada com uma linha apenas para os animais não entrassem ou comessem os restos de comida. Mas o que é certo é que de uns anos para cá já não se deixam as chaves na porta e as linhas do portão foram substituídas por fechaduras. Aumentou consideravelmente a insegurança, o roubo e a criminalidade em geral, por coincidência ou não, desde que os badius e os africanos do continente começaram a chegar à ilha. (Antónia, nativa)<sup>5</sup>.*

*Antes andávamos à vontade. Desde que os badius chegaram à Boavista, uma pessoa não fica à vontade, uma pessoa sai de casa, mas sempre com medo, medo de andar sozinha. (Ruth, 30 anos, empregada de limpeza, nativa).*

Há, porém, nativos que advogam que não é por causa dos vindouros que há insegurança, roubo e criminalidade na ilha, referem que muita gente da Boavista também contribui para esse quadro negativo e que isso tudo é consequência do desenvolvimento.

*... por exemplo, na Boavista, se reparares bem naquela desculpa de que tudo de mal que acontece na ilha, quem faz são as pessoas de fora. Isto é tudo mentira, existe muita gente daqui da Boavista que é pior do que as pessoas que vêm de fora, para mim é assim. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

---

<sup>5</sup> Trecho extraído de uma discussão intitulada "Revolta na Boavista" que surgiu no blog: <http://kufrontalidadi.blogspot.com> (25/02/2009).

O mesmo entrevistado afirma:

*... o problema não é com a entrada dos badius ou mandjacos, é o desenvolvimento, não é só porque eles vieram e trouxeram essas coisas. Mas por que vieram? Porque nós criamos condições, demos trabalho a eles. Vieram e depois todas essas coisas vieram a acontecer, isso tudo por causa do desenvolvimento. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

Nessa linha de argumentação, outros moradores declararam que

*... por causa deles não, mesmo as pessoas de cá fazem coisas erradas. (Sara, 41 anos, varredeira de rua, nativa).*

*... não digo que seja por causa deles, mas a pacatez já não existe, não quer dizer que sejam apenas eles, mas como são a maioria .... (Eliseu, 53 anos, funcionário da Função Pública, nativo).*

Consequência relevante desse fenómeno migratório, segundo a visão dos nativos, diz respeito ao facto de somente serem vistas, actualmente, pessoas estranhas pelas ruas da Boavista e, para eles, isso implica viver de maneira completamente diferente, isto é, os nativos foram obrigados a alterar o seu modo de vida.

*Antes Boavista era uma ilha com pouca gente, onde todo mundo conhecia todo mundo, todos eram amigos de todos, a população vivia estável, não havia necessidade de trancar as portas e as janelas, não havia perigos na rua, nem sequer barracas, etc. (Antónia, nativa)<sup>6</sup>.*

*Hoje em dia podes dizer que o pessoal de fora é mais do que o pessoal daqui (em número, quantidade). Agora andas pelas ruas e não conheces ninguém, é algo estranho, principalmente para quem nasceu cá. Boavista é uma ilha grande em Cabo Verde, é a terceira ilha em tamanho, mas as pessoas se conheciam umas as outras. Agora conheces muito pouca gente na Boavista, pois grande parte vem de fora. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

<sup>6</sup> Trecho extraído de: <http://cabrers.blogspot.com/2008-07-01archive.html> (03/03/2009).

Por esse motivo, de acordo com depoimentos de alguns nativos, eles criam sempre uma barreira face à interação com os estranhos, porque desde crianças foram acostumados a se relacionarem apenas com conhecidos e de repente se encontram perante pessoas com hábitos e costumes tão diversos.

*... nota-se que há badius que têm vontade de se relacionar com as pessoas da Boavista, mas as pessoas da Boavista criam sempre uma barreira, com razão num certo ponto e sem razão noutra ponto. Quando era criança só me relacionava com pessoas conhecidas, de repente vê uma pessoa que não conheces, que tem outra cultura, outra maneira de encarar a vida. Há certas coisas que para ti é inadmissível, para ele é normal, são coisas que toda gente sente por aqui. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

Há quem defenda que os nativos se viram obrigados a mudarem a eleição dos espaços de lazer. Segundo a opinião de um informante, que tinha o hábito de fazer piqueniques com os amigos em determinadas praias da ilha, já não o fazem, alegando que os *badius* agora estão em todo lado e que os boavistenses se sentem incomodados perante a presença de estranhos.

Alguns interlocutores são da opinião de que o comportamento dos migrantes santiaguenses influencia o comportamento de muita gente da Boavista, que apresenta alterações comportamentais por eles avaliada negativamente.

*Eu acho que o comportamento da malta de Santiago também tem interferência no comportamento de muita gente daqui da ilha, que tem tido alguma alteração comportamental, cultural e tradicional, influenciada pelo pessoal de Santiago. (Ruben, 50 anos, consultor, nativo).*

*... desde que os badius vieram para cá, as pessoas começaram a utilizar armas, isso porque os badius andam todos armados, por isso os nativos começaram a utilizar armas. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurante, nativa).*

*... depois da entrada dos badius na terra, começaram a acontecer muitas coisas, as pessoas começaram a conviver com eles, algumas começaram a ter relações com eles, as badias também connosco. Eu acho que muita coisa mudou, os nossos hábitos e costumes estão alterados. (Jader, 30 anos, economista, nativo).*

No entanto, admitem que os migrantes santiaguenses trouxeram alguma coisa de bom para aquela ilha, nomeadamente, a sua mão-de-obra, que tem sido de extrema importância para o desenvolvimento da ilha.

*... mas também aumentou a mão-de-obra, porque muitos deles são trabalhadores, isso tudo é desenvolvimento. (Benamin, 43 anos, funcionário público, nativo).*

*Não, de bom eles trouxeram alguma coisa, trouxeram a sua mão-de-obra, eles trouxeram alguma coisa, mas também trouxeram coisas negativas. Em termos de trabalho, eles trabalham bem, a nível da pesca, ou seja, trouxeram alguma coisa de bom. (Lina, 43 anos, proprietária de bar-restaurant, nativa).*

*... pouca coisa, mas pelo menos trouxeram parte da mão-de-obra. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... os badius te dão uma série de serviços que os nativos não dão, de madrugada quando regressas da paródia, se quiseres comer esparguete, vais é para a Barraca ou Farinação, lá encontras sempre. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*

Alguns nativos são da opinião de que os migrantes santiaguenses ensinaram algo de bom e útil aos nativos, que é o espírito de sacrifício, de sobrevivência, de luta e de iniciativa, qualidades que raramente se encontravam entre os nativos.

*... é o espírito de iniciativa, o espírito de sacrifício, coisa que não existia nesta terra, eu acho que é um dos aspectos positivos que trouxeram. (Mateus, 31 anos, condutor, nativo).*



*... os badius e os africanos, a única coisa que têm de mal é a questão dos furtos, de resto são pessoas trabalhadoras. Se hoje estamos a comer peixe é graças aos badius, porque as pessoas daqui já não querem pescar. Depois são eles que trabalham na construção civil, eles trabalham muito, só param porque têm de dormir à noite, caso contrário, trabalhariam 24 sobre 24 horas, neste aspecto não tenho mal a dizer. (Joana, 54 anos, professora do pré-primário, nativa).*

Em suma, grande parte dos nativos entrevistados alega que existem vários problemas sociais na ilha da Boavista e que se devem à presença dos migrantes internos (principalmente os *badius*) e dos imigrantes da costa ocidental africana.

*Hoje em dia na Boavista há uma grande mistura, existem pessoas de praticamente todas as ilhas de Cabo Verde, temos pessoas da Praia, do Fogo, Sal, Santo Antão, São Nicolau, portanto, há uma mistura. Só que as pessoas da zona do Barlavento, o pouco que eu tenho convivido não tenho mal a dizer deles. Eu também não tenho mal a dizer dos badius, só que eu vejo as coisas de mal que têm acontecido, sempre há badius no meio, sempre é o badiu, as pessoas da zona de Barlavento quase que não se metem nessas coisas. No que diz respeito às pessoas da costa de África, elas também têm os seus defeitos, há muitos que não têm bom comportamento. No caso da criação de gado, hoje quase que não existe, por causa dos badius e dos africanos. É chegar e apanhar. Uma vez estávamos num passeio e encontramos um grupo de africanos que vinham com sacos cheios de animais que tinham roubado. Eles apanham, matam, embarcam para a Praia. Portanto, nós temos é que estar preparados para enfrentar essa nova era na Boavista. (Joana, 54 anos, professora do pré-primário, nativa).*

*Não sou contra os externos na Boavista, mas é preciso um controle, é necessário seguir os seus comportamentos, porque alteraram a ordem pública. Contribuem para alguma instabilidade do ponto de vista social, por exemplo na altura do festival, assaltam casas, roubam. (Eliseu, 53 anos, empregado de escritório, nativo).*

*... o pessoal da costa de África também comporta-se de modo incorrecto mas, sempre se diz, badiu é badiu. Os badius são os que*

*se comportam pior hoje em dia aqui na Boavista. (Jader, 30 anos, economista, nativo).*

Na secção que segue, dá-se enfoque aos problemas de moradia enfrentados por grande parcela dos migrantes da ilha de Santiago residentes na ilha da Boavista.

## **Condições habitacionais dos migrantes santiaguenses**

A discriminação constitui uma negação dos direitos inscritos na Constituição da República e em princípios substantiais ao exercício da cidadania. A questão da discriminação se impõe a partir do momento em que se passa a admitir que as diferenças são fundadas num estatuto hereditário (CASTEL, 2008, p. 12).

Uma larga maioria dos migrantes santiaguenses é da opinião de que existe discriminação e preconceito por parte dos nativos da Boavista em relação a eles. Neste caso, usando as palavras de Castel (2008, p. 13), trata-se de discriminação negativa. Para o autor, os traços específicos de pertença étnica são vistos como suporte para um tratamento diferencial e desigual, e não para um tratamento igualitário dos indivíduos. A diferença aqui é sublinhada e funciona como um estigma: por exemplo, a cor da pele deflagra a suspeição e a rejeição. É nesse sentido que se pode falar em discriminação negativa. Não se trata de um pleonismo. Existem formas de discriminação positivas que consistem em fazer mais por aqueles que têm menos.

A discriminação negativa não consiste em dar mais àqueles que têm menos; ela, ao contrário, marca seu portador com um defeito indelével. Ser discriminado negativamente significa ser associado a um destino embasado em uma característica que não se escolhe, mas que os outros no-la

devolvem como uma espécie de estigma. A discriminação negativa é a instrumentalização da alteridade, constituída em factor de exclusão. A discriminação coloca a concepção de cidadania democrática em risco, mediante ausência de reconhecimento da alteridade.

Grande parte dos santiaguenses admite que se sente discriminada e desprezada por parte dos boavistenses; que esses são racistas e que não gostam que santiaguenses vivam na terra deles. Para eles a maior prova de discriminação acontece ao nível habitacional. De fato, uma grande parcela dessa camada social enfrenta enormes dificuldades no que se refere à questão habitacional. Os santiaguenses vivem na Boavista, em parcela considerável, em condições habitacionais muito precárias, sobretudo aqueles que habitam na zona das barracas. Esse lugar se constitui de um aglomerado populacional que apareceu de modo espontâneo e clandestino, por volta dos anos 90, por causa do défice populacional que existe na ilha das dunas. Esse bairro é habitado principalmente por pessoas das outras ilhas, que foram para a Boavista à procura de uma vida melhor, e por imigrantes da costa ocidental africana. A Barraca, como é vulgarmente conhecida, constitui hoje um dos bairros mais populosos da ilha. Os seus habitantes encontram-se em situação extremamente desprotegida. Esses espaços são para eles a única possibilidade de alojamento.

Nesse local estão implantadas cerca de mil casas de blocos e 50 barracas<sup>7</sup> de papelão, sem as mínimas condições de habitabilidade. Não há infra-estrutura de base nem instalações públicas de rede eléctrica de água e esgoto. O bairro é todo cercado de lixo e a situação agrava-se na época das chuvas, quando a zona fica cheia de poças de água e com um cheiro nauseante.

O bairro não tem escolas, não tem jardins infantis nem quaisquer serviços de saúde. No entanto, há uma

---

7 Dados extraídos do *Jornal A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

série de serviços informais, como por exemplo bares (em grande quantidade, em cada esquina encontra-se mais que um), mercearias, cabeleireiros, carpintarias, tendas de roupas, pequenas casas de cultos religiosos, pensões e restaurantes improvisados. Há o fornecimento de luz eléctrica, que funciona como “Electra privada”: alguns residentes com os seus próprios geradores fornecem luz eléctrica aos seus vizinhos. Esses pagam uma tarifa de acordo com a quantidade de lâmpadas e electrodomésticos que possuem em casa.

Não por acaso os migrantes santiaguenses apontam como problemas primordiais que enfrentam na ilha da Boavista os de moradia.

*Quando cá cheguei não enfrentei nenhuma dificuldade porque fiquei em casa da minha irmã lá no Rabil, mas depois vim morar com o instrutor Mário Jorge. Mas neste momento a Câmara nos pediu esta casa e não nos vai dar terreno, não nos vão dar nada. Não há terreno para construirmos casa e temos que sair daqui obrigatoriamente. Olha como isto está desarrumado, estamos prestes a ir embora. Não tenho onde ir, eles não nos dão terreno, não dão nada (...) o Mário Jorge está cá há anos, eu não, eu estou cá há três anos. Este lugar não tinha nada, ele colocou muita coisa cá, gastou cerca de trezentos e tal contos, investiu na casa de banho e tudo. Agora temos que sair e não temos nada, nem terreno para construir. Quem morava nestas casas eram os polícias, a Câmara construiu moradias e deu aos polícias, mas quando estiveram a repartir, deram a mais pessoas, deram aos funcionários da Câmara, professores que são todas pessoas da Boavista, da Zona Norte, elas têm lugar onde ficar. Se não fosse assim, caberia também a nós. (Nila, 24 anos, empregada de bar, migrante).*

Para alguns dos migrantes entrevistados, a maior prova de discriminação ocorre ao nível habitacional. Admitem que, para além da escassez de moradias que existe na ilha, às vezes as pessoas da Boavista têm posse de casas para arrendar, mas não o fazem a eles, pelo facto de serem *badius*.

A entrevistada acima referida acrescenta, em seu depoimento:

*Há pessoas que têm casas para arrendar, mas não nos arrendam, ando à procura de casa desde o dia primeiro e não consigo, eles arrendam só aos brancos, só aos italianos, aos badius nem pensar. (Níla, 24 anos, empregada de bar, migrante).*

Outros entrevistados afirmam:

*... nós temos sempre dificuldade para encontrar casas onde morar. (Francisco, 32 anos, pescador, migrante).*

*... quase não alugam casas aos badius. Tenho um colega que é guarda-fiscal, ele esteve muito tempo à procura de casa, porque não arrendam casas aos badius. (Joaquim, 26 anos, agente da Polícia Marítima, migrante).*

*As dificuldades nunca acabam, estamos aí a boiar dentro da água, devido às chuvas que caíram, estamos dentro da água. (António, 41 anos, pedreiro, migrante).*

Em decorrência desses problemas, os migrantes santia-guenses são obrigados a construir moradias clandestinas. Em consequência, cria-se um distanciamento maior ainda entre os dois grupos em análise. Com o intuito de corroborar esse argumento, é de referir que a maioria dos autóctones nunca frequentou a zona das barracas.

*Eu gostaria que deixassem de ver a Barraca como sendo um lugar do mal. Agora tudo o que acontece de mal na Boavista, culpam a Barraca. Todos os assaltos, roubos, brigas, são as pessoas da Barraca que cometem. Tudukuza é badiu. O badiu tem sangue quente, mas nem todos andam a roubar. Gostaria que nos vissem de igual para igual e sem preconceitos. (José Andrade, trabalhador de construção civil, migrante)<sup>8</sup>.*

---

<sup>8</sup> Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867 de 21 de Novembro de 2008.

Os habitantes do bairro das barracas, mesmo em condições de habitabilidade extremamente degradantes, têm a pretensão de lá continuar a viver. No entanto, as queixas são enormes e os anseios também. Os residentes querem ver chegar à sua comunidade a luz eléctrica, água canalizada, redes de esgoto, arruamentos e saneamento básico. Todos desejam uma vida melhor para a sua família, boas casas para morar, trabalho e salário no fim do mês. Acima de tudo, querem ver o seu bairro a desenvolver-se e a ser reconhecido. Deste modo, seguem algumas sugestões daqueles que mais do que ninguém sabem do que precisa a sua comunidade.

*Eu não quero sair daqui. Já construí a minha casa, e agora quero que me dêem condições para continuar a viver aqui. Agora é só trazer luz, água e saneamento. Quanto ao resto vamos desenrascando. (Joaquina Marques, rabadante, migrante)<sup>9</sup>.*

*A Câmara e o governo precisam levar a Barraca a sério. Há pessoas a viverem aqui há mais de dez anos e que não têm uma casa, um pedaço de chão para construir. Eles devem fazer casas e dar ou alugar a preços baixos para essas pessoas. Para os que vão continuar na Barraca, deve-se colocar luz nas suas casas, na rua, pôr água e fazer a recolha do lixo todos os dias. (Laura Lopes, doméstica, migrante)<sup>10</sup>.*

*Vim para a Boavista por causa de um primo que vive cá. Há dois anos que trabalho como condutor de táxi e não tenciono voltar para os Picos de onde eu sou natural. Ir para Santiago só de férias. Quero fazer a minha casa e construir uma família na Boavista. (Jorge Nogueira, motorista)<sup>11</sup>.*

*Eu gostaria que fizessem funcionar uma escola nocturna para podermos estudar. Na Praia não pude estudar porque não tinha trabalho e não podia pagar a escola. Na Boavista trabalho e não há aulas à noite. Penso que se abrissem uma escola à noite, mesmo que seja no liceu, muita gente teria oportunidade de continuar a estudar. (Ana Silva)<sup>12</sup>.*

9 Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

10 Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

11 Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

12 Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

*A primeira coisa que deveriam fazer na Barraca é calçar as ruas. Na época das chuvas, passamos muito mal com a lama e a água, que entram barracas adentro e estragam todas as nossas coisas. Com ruas calçadas este problema ficaria resolvido. Só depois então deveriam instalar luz e água. (Carlos Dias, pedreiro)<sup>13</sup>.*

*Quando não vou à escola faço a limpeza da casa, lavo louça, estudo e brinco na casa da minha tia. Não há um lugar para brincar. Se tivéssemos uma praça que nem a vila tem ia brincar lá todos os dias. (Lidiane Nascimento, aluna da 3ª classe)<sup>14</sup>.*

Constata-se, assim, que uma intervenção programada se faz necessária, seja de iniciativa do governo central, do governo local daquela ilha, de entidades privadas da sociedade civil, como a Sociedade de Desenvolvimento Turístico das Ilhas da Boavista e Maio (SDTIBM), ou em uma coordenação bem definida entre esses agentes sociais, a começar pelo domínio da habitação social, de modo a evitar a proliferação de guetos ou o surgimento de novos, constituídos por construções clandestinas (barracas e outros tipos de edificação) sem condições mínimas de habitabilidade. A elevação das condições de habitação das pessoas que residem nesses locais consiste em uma questão crucial a ser respondida a curto prazo, se a concretização dos objectivos republicanos estiver no horizonte das acções públicas.

## Considerações finais

Neste estudo, verificou-se que o desenvolvimento económico da ilha da Boavista (com início na década de 90) ocorreu devido principalmente ao investimento turístico. O crescimento da movimentação em investimentos, assim como nos mercados de produtos e de trabalho, acarretou

---

<sup>13</sup> Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

<sup>14</sup> Excerto retirado do Jornal *A Semana*, Edição 867, de 21 de Novembro de 2008.

a emergência de perturbações e mesmo de atritos entre a população nativa da ilha e grupos de indivíduos “externos”. Do conjunto desses ditos “externos”, os migrantes em busca de novas oportunidades de vida e trabalho, os advindos da ilha de Santiago são majoritários. É bastante comum os migrantes santiaguenses, principalmente os que habitam na zona das barracas, serem associados pelos boavistenses à violência. Esse fluxo de populações que se dirigem à ilha da Boa vista, especialmente os denominados *badius*, é sentido pelos habitantes locais como uma ameaça à ordem estabelecida.

Essa maneira de ver as coisas por parte de alguns autóctones dificulta a sua interacção com os migrantes santiaguenses. A pouca ou inexistente abertura para a construção de relações sociais duradouras, especialmente dos boavistenses em relação aos santiaguenses, permite afirmar que ocorre a estigmatização da população de migrantes santiaguenses que residem naquela ilha e até mesmo, no limite, a sua exclusão social.

Os migrantes santiaguenses e os nativos da Boavista estabelecem relações no seu dia-a-dia, mas essas relações são, frequentemente, baseadas em disputas, tensões e conflitos. Os indivíduos que fazem parte de cada um dos grupos estão ao mesmo tempo separados e unidos por laços tensos e desiguais. Muito raramente a interacção entre os indivíduos destes grupos se baseia em relações positivas: são apenas algumas excepções. Entre essas excepções destaca-se o facto de que há casos de casamentos e a constituição de famílias. Outra excepção prende-se ao facto de existirem alguns santiaguenses que vivem na Boavista há muitos anos (entre 10 a 15 anos, mais ou menos), recebendo um tratamento diferenciado dos nativos, comparativamente aos demais. O factor tempo de residência revelou-se muito importante na análise do tipo da interacção entre os boavistenses e os santiaguenses residentes na Boavista.



Na tentativa de verificar a percepção dos migrantes santiaguenses face ao preconceito e à discriminação por parte dos nativos, os primeiros foram questionados para apreender o modo como avaliam as atitudes dos boavistenses. As manifestações foram divergentes, tendo os interlocutores adoptado três posições distintas. A primeira é de que outras pessoas dizem que os boavistenses são racistas, mas que eles, os entrevistados, nunca passaram por nenhuma situação de discriminação. A segunda posição sustenta que os autóctones são muito racistas e que possuem um sentimento de hostilidade em relação a eles. Em contraste, numa terceira linha de percepção, existem aqueles que consideram que os nativos da ilha não são nada racistas, pelo contrário, são pessoas acolhedoras, simpáticas e educadas.

Durante a elaboração da presente pesquisa percebeu-se que os boavistenses se vêem como diferentes dos migrantes santiaguenses por certas características comportamentais distintivas, inculcadas desde a infância em cada um deles, de acordo com as suas tradições. Eles chegam mesmo a admitir a existência de um choque cultural entre ambos os grupos. Alegam que têm um código de conduta que exige, em determinadas situações, um grau de autocontrolo maior do que os *badius* possuem, assim como maior auto-domínio e costumes mais refinados.

Cabe recordar aqui, para o entendimento desse processo, que na óptica de Norbert Elias (2000, p. 171), num ambiente relativamente estável, o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de autocontrolo costumam ser associados a um grau mais elevado de disciplina, prudência, previdência e coesão grupal. Isso origina recompensas sob a forma de *status* e poder, para contrabalançar a frustração das limitações impostas e da relativa perda da espontaneidade. A adesão ao código comum funciona para os membros do grupo como uma insígnia social. Reforça o sentimento de inserção grupal conjunta em rela-

ção aos “inferiores”, que tendem a exibir menor controlo nas situações em que os “superiores” o exigem. Ainda de acordo com Elias (2000, p. 171), as pessoas “inferiores” tendem a romper tabus que as “superiores” são treinadas a respeitar desde a infância. O desrespeito a esses tabus, portanto, é um sinal de inferioridade social e desperta nos grupos “superiores”, conforme as circunstâncias, raiva, hostilidade, repulsa ou desdém. Enquanto a adesão a um código comum facilita a comunicação, infringi-lo cria barreiras. Nesse sentido pode-se considerar que os nativos da Boavista, que se percebem “superiores” em determinadas circunstâncias, procuram demonstrar maior grau de autocontrolo, relativamente aos *badius*. Estes, por sua vez, nem sempre cumprem determinadas normas que os nativos foram obrigados a cumprir desde a infância, o que suscita sentimentos de raiva e hostilidade por parte dos boavistenses em relação aos *badius*.

Outrossim, essa autopercepção de diferenças ao nível comportamental que os boavistenses têm de si em relação aos santiaguenses faz-nos recordar a teoria das representações sociais de Denise Jodelet (1990), segundo a qual as representações sociais consistem em uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada socialmente, com o intento prático que dá lugar à construção de uma realidade comum a uma totalidade social. Esse sentimento de diferença foi socialmente elaborado e é socialmente compartilhado pelos nativos boavistenses frente aos *badius*. Essa visão remete-nos também à noção de representação social de Serge Moscovici (2003), que constitui o modo como os homens pensam, agem e procuram compreender o sentido das suas acções e pensamentos. Para o autor, as representações sociais resultam do senso comum que se tem sobre um determinado tema e são constituídas por ideologias, preconceitos e características específicas das actividades quotidianas, sociais e profissionais.

Retomando, à luz das ideias de Goffman (1988), a constatação já referida, de que as relações entre os boavistenses e os migrantes santiaguenses são baseadas em processos de estigmatização desses por parte daqueles, cabem mais algumas considerações. Pode-se afirmar que os boavistenses se autopercebem como normais, na medida em que acreditam que todos os participantes compartilham de um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas (GOFFMAN, 1988, p. 138). E como os nativos defendem que alguns migrantes santiaguenses não aderiram ou não incorporaram as normas pré-estabelecidas na sociedade local boavistense, a eles é atribuído um defeito indelével, carregam consigo a marca do estigma.

Na Boavista, a superioridade de forças do grupo estabelecido se baseia no alto grau de coesão de famílias que se conhecem desde há muito tempo, em contraste com os recém-chegados, que em muitos casos são, inclusive, estranhos entre si. Essa coesão entre os nativos boavistenses não significa que não haja casos de competição ou conflito entre esses. É próprio dos grupos a competição, a imposição de poder, os conflitos, a ordem e a desordem, quando se analisam os grupos familiares, os companheiros, os vizinhos, as organizações sociais. Esses processos estão sempre presentes.

Sabendo-se que, na maior parte das vezes, as relações entre os *badius* e os *sampadjudos* da Boavista são baseadas em casos de tensões e conflitos, esses, em ocasiões, são manifestos. Muitas vezes, entretanto, são de carácter dissimulado, isto é, fica-se apenas nos estereótipos verbais degradantes, em comentários racistas e preconceituosos, expressos entre os elementos pertencentes ao mesmo grupo. Ou então, fica-se no “diz-que-diz”, em mexericos humilhantes e nas crenças estigmatizantes.

Os casos de conflitos manifestos ocorrem sobretudo em alguns espaços de convivência entre os nativos da Boavista e os migrantes de Santiago. Por exemplo, nos chafarizes as disputas e os conflitos são bem visíveis, quase sempre há confrontos entre as senhoras pertencentes a cada um dos grupos, na tentativa de conseguirem apanhar água. Outros espaços, em que se notam confrontos, principalmente entre as crianças santiaguenses e crianças nativas, são os parques infantis, as praias e as escolas.

No entanto, há espaços em que os migrantes santiaguenses e os boavistenses se relacionam bem, como por exemplo, nas igrejas e nos mercados. Sendo assim, verifica-se que as interações entre os dois grupos em análise podem ser positivas ou negativas, conforme o espaço de convivência ou os tipos de situações. Essa constatação corrobora as interpretações propostas pela teoria do interacionismo simbólico, de que as representações ou as acções são mutáveis ou inconstantes, elas vão sendo construídas pelos sujeitos, que respondem aos outros e reinterpretam os sentidos das interações sociais conforme aprendem os significados dos gestos e palavras dos outros em relação a si mesmos. Também vai ao encontro do que Goffman (1991) defende, de que, conforme for a situação definida pelas pessoas, e a partir disso, elas se orientam para agir de maneira adequada, isto é, definem as suas acções de acordo com o tipo de situação.

Importa referir ainda o conceito de identidade de resistência, proposto por Manuel Castells (2008), o qual parece ser o tipo de identidade que mais se aproxima das atitudes e comportamentos, tanto dos boavistenses como dos migrantes santiaguenses. Essa identidade é produzida por actores que se encontram em posições de menor valor e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo assim obstáculos de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que são defendidos pelas ins-

tituições da sociedade, ou mesmo opostos a esses últimos. No presente estudo, conclui-se que os migrantes santiaguenses encontram-se em “posições desvalorizadas” e que constroem resistência às identidades colectivas dos nativos da Boavista que fazem parte do grupo de dominação. A forma de agir dos boavistenses também corresponde ao conceito de identidade de resistência de Castells (2008), que defende o *status quo*, fundamentado nas normas, que de acordo com o ponto de vista dos residentes, são anteriores à chegada dos migrantes santiaguenses. Visto que os primeiros tentam preservar a sua posição social e a sua identidade, perturbações entre os boavistenses e os santiaguenses estão quase sempre prestes a eclodir sob a forma de atritos, atribuídas à presença do estranho, o *badiu*.

Ao reflectir sobre o futuro próximo do caso estudado, considera-se que esse poderá vir a se caracterizar por um agravamento das tensões entre os boavistenses e os santiaguenses. Entretanto, não é negligenciável a possibilidade de emergência de uma crescente convivência de boa qualidade, no contexto de uma sociedade democrática. Indicadores para essa segunda alternativa foram detectados, embora menos comuns, conforme declararam indivíduos entrevistados, os quais apontaram formas de interacção positiva entre ambos os grupos como, por exemplo, a convivência de mais longo prazo, baseada no tempo de conhecimento pessoal e, em menor proporção, a ocorrência de casamentos entre indivíduos de cada um desses grupos. Resta saber se entre os mais jovens essas transformações terão vez, sob as formas espontâneas de companheirismo na escola e nos locais de lazer, de amizade e de namoro.

Sobretudo, essas tensões e conflitos poderão ser atenuadas se políticas públicas, como as sugeridas no decorrer deste artigo, forem implementadas, nomeadamente, nos sectores educacional e habitacional. Refere-se aqui a acções educacionais que levem em consideração as neces-

sidades específicas da população local. Difundir informações e conhecimentos acerca das contribuições trazidas pela presença de pessoas oriundas de diversas partes do mundo e de diversos cantos do arquipélago de Cabo Verde é uma forma de tematizar a convivência na diferença.

A urgência de políticas habitacionais voltadas para a melhoria das condições de moradia da população que vive na e da precariedade foi já suficientemente enfatizada ao longo do artigo. Devido ao investimento turístico, a Boavista é uma ilha que cresce a um ritmo acelerado, enquanto as carências ao nível habitacional não vêm encontrando respostas que acompanhem o ritmo de crescimento dos demais sectores.

Interessa referir aqui o fato de que, de modo a minimizar a problemática habitacional, a *Revista Bubista*,<sup>15</sup> n° 4, de Outubro/Dezembro de 2009 relata as acções que a Sociedade de Desenvolvimento Turístico das Ilhas da Boavista e Maio (SDTIBM) pretende desenvolver. Segundo consta desta revista, paralelamente ao desenvolvimento turístico e à construção da respectiva infra-estrutura, há que criar condições para uma boa integração das populações residentes. É preciso apoiar as iniciativas locais geradoras de rendimento, fomentar a formação profissional, construir residências condignas para os trabalhadores, bem como infra-estruturas sociais, nomeadamente, escolas. Neste contexto, a SDTIBM apresentou o seu fundo privado, o Fundo Económico e Social da Boavista e Maio (FESBEM), que irá apoiar iniciativas facilitadoras da integração social. Este fundo será financiado pela SDTIBM e conta com doações de outras instituições, públicas ou privadas.

A SDTIBM expôs as necessidades de residências, para Boavista e Maio, ao longo dos próximos 30 a 40 anos, estimadas em mais de 340 milhões de euros, e solicitou a participação de empresas na construção de habitações a custos

---

15 Revista da Câmara Municipal da Boavista.

controlados, com vista a satisfazer a grande procura que, somada à já existente, será induzida pelo desenvolvimento turístico e o aumento do crescimento populacional.

A própria SDTIBM se propõe, através do FESBEM, assumir a tarefa de apoiar os residentes na aquisição de habitação própria, participando com no máximo 25% do seu custo. Por outro lado, está a articular com as autoridades competentes com vistas a iniciar, em 2010, a construção de um novo bairro residencial nas proximidades de Santa Mónica, visando acabar com as barracas. A primeira fase de construção desse bairro contará com mais de uma centena de habitações, além de espaços de lazer e de outras infra-estruturas sociais.

O sucesso dessa iniciativa, ainda em fase inicial, poderá acarretar importantes ganhos para a população de um modo geral e, mais especificamente, para as suas parcelas menos favorecidas, conforme as intenções declaradas por seus idealizadores e gestores. Já a avaliação do grau de realização dessas potencialidades é uma questão que remete a um novo projecto de pesquisa.

## Referências Bibliográficas

- CARREIRA, António (1983). *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, 2ª ed. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- CASTEL, Robert (2008). *A discriminação negativa – cidadãos ou autóctones?* Petrópolis: Editora Vozes.
- CASTELLS, Manuel (2008). *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- ELIAS, Norbert (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
- GOFFMAN, Erving (1983). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1988). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC (Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A).
- \_\_\_\_\_ (1991). *Les cadres de l'expérience*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- HAGUETE, Teresa Maria Frota (2007). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- JODELET, Denise (1990). *Representações sociais: fenómeno, conceito e teoria*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LIMA, António Germano (1997). *Boa Vista: Ilha de Capitães (História e Sociedade)*. Praia: Spleen Edições.
- MOSCOVICI, Serge (2003). *Representações sociais – investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.

### Periódicos

*Revista Bubista*, nº 4, Out /Dez 2009.

*A Semana*, ed. 867, de 21 de Novembro de 2008.

### Web

LIMA, Redy Wilson. “*Revolta na Boa Vista*”, discussão no blog <http://kufrontalidadi.blogspot.com>. Consultado em 25.02.2009.